

**MANIFESTAÇÕES REALISTAS NA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM  
AURÉLIA NO ROMANCE “SENHORA” DE JOSÉ DE ALENCAR**

**REALISTIC EVENTS IN CONSTRUCTING CHARACTER AURÉLIA IN THE  
NOVEL “SENHORA” BY JOSÉ DE ALENCAR**

Claudia Cristina de Oliveira<sup>1</sup>  
Luciana dos Santos Pires<sup>2</sup>

**RESUMO:**

As manifestações realistas na construção da personagem Aurélia no romance “Senhora” de José de Alencar é um estudo que consiste em mostrar as características existentes na transição entre Romantismo e Realismo na literatura brasileira, juntamente com a transfiguração do ideal para um plano real. José de Alencar revoluciona a literatura com a introdução de novos moldes literários, sendo um representante expressivo do romance urbano, no qual descreve a burguesia ascendente do Segundo Reinado, tornando-o bastante realista. Nesse sentido, a literatura passa a se servir de outros meios narrativos, onde a mulher passa a ter outra visão da e na sociedade. Também é analisada a essência da feminilidade na obra, a personagem Aurélia: de mulher passiva a autoritária, o poder de compra a que o ser humano se submete e a decadência do Romantismo, a fim de evidenciarmos a nítida influência do realismo no romance de José de Alencar.

**Palavras-chave:** Senhora. José de Alencar. Romantismo. Realismo.

**ABSTRACT:**

The realistic manifestations in the character’s construction Aurélia in the novel “Senhora” by José de Alencar is a study that consists to show the characteristics in the transition between Romanticism and Realism in the Brazilian literature, together with the transcendentalism of ideal to real plan. José de Alencar revolutionizes the literature, with the introduction of new literary molds, being an expressive representative of the urban romance, in which describes the ascending aspects of the Second Reing, turning enough realists. In that sense, the literature serves as other narrative ways, where the woman starts to have another vision of the society. We also analyze the essence of the femininity in the work, the character Aurélia: from passive woman authoritarian, the purchase power what the human being submits and the decadence of the Romanticism, in order to we evidence the clear influence of the realism in the novel by José de Alencar.

**Keywords:** Lady. José de Alencar. Romanticism. Realism.

**Introdução**

Este estudo propõe analisar a obra “Senhora” de José de Alencar, com o objetivo de demonstrar as manifestações realistas na construção da personagem Aurélia. Serão evidenciadas, dentro desta, características importantes entre a transição do romantismo e realismo como: romance além do romantismo, a essência da feminilidade, a passividade e o

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras (Português/inglês) pela Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Itapuranga. [claudiacr@hotmail.com](mailto:claudiacr@hotmail.com)

<sup>2</sup> Graduada em Letras (Português/inglês) pela Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Itapuranga. [lucianaps@hotmail.com](mailto:lucianaps@hotmail.com)

autoritarismo de Aurélia, o poder de compra a que o ser humano se submete e a decadência do Romantismo.

Com a realização do presente trabalho espera-se destacar a influência do realismo, tanto pelo registro dos detalhes sociais que condicionam o universo psíquico dos indivíduos, como romance urbano que denuncia o casamento por interesse. Enfim, traçar um retrato dos costumes morais e políticos do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. Além disso, mostrar a situação comportamental a que o ser humano se submete em determinadas circunstâncias de sua vida como a mudança de comportamento frente a uma situação adversa. A transfiguração de personalidade e demais atos que fazem do ser humano um ser tão complexo. Tais assertivas estão perceptíveis na obra alencariana, no entanto o que nos chama mais atenção são as tendências realistas na obra “Senhora”.

## **1 Transição entre Romantismo e Realismo na literatura brasileira**

Sabe-se que os períodos literários não apresentam datas específicas de início ou de término, tornando impossível dizer que no ano termina uma escola e começa outra. Mas podemos julgar que uma obra pertence a uma determinada escola de acordo com suas características predominantes e o período literário em que foi escrita. Também que cada escola literária é marcada por características que se sobressaem entre as outras. No caso do Romantismo tais fatos são percebidos como o individualismo, a valorização da originalidade e das emoções, dos sentimentos, o moralismo, a melancolia, o pessimismo, a luta pela liberdade, a fuga da realidade, o sonho, a utopia, o culto à natureza, o nacionalismo e o subjetivismo.

Dessa forma, o Romantismo surge para quebrar as regras da Escola Arcade, que se preocupava com a forma antes de tudo, ao passo que o Romantismo preocupa-se com o conteúdo, o importante é se expressar não importa de que forma. E também para fugir da realidade que fatigavam os românticos da época: “Tentavam distanciar-se assim, de um cotidiano coercitivo grosseiramente utilitarista, para um mundo de sonho, onde suas carências seriam concretizadas.” (Abdala Junior; Campedelli, 1990, p.70).

Nessa fuga, os autores românticos davam lugar as mais variadas possibilidades de criação. Criavam-se uma sociedade; uma paisagem; um homem, uma mulher e um amor que transcende e se sobressai às próprias possibilidades da vida real. O Romantismo trata do

homem com todo seu sentimentalismo, sonhos e esperança, onde o amor supera tudo e a realidade é vista de acordo com a imaginação, que é alimentada pelos sentimentos e idealismos:

O escritor romântico não aceitava os limites da realidade sensível, nem os da palavra que o registra. Pretendia ir além, para um mundo idealizado, infinito que lhe servia de refúgio contra os aspectos contingenciais passageiros e finitos da realidade. (ABDALA JÚNIOR; CAMPEDELLI, 1990, p.70)

Isso acontece na maioria dos romances românticos. Mas nas obras urbanas de Alencar podemos notar um fundo social, que era trabalhado de forma sutil, mas que mostrava a realidade social da época. Essa característica no romance “Senhora” fala da sociedade fútil e “aparente” da época.

Senhora representa talvez o ponto mais alto da ficção urbana de José de Alencar, não só porque, dentre os que procuram retratar a vida cidadina, é um dos seus romances mais ambiciosos, mas também porque aprende os mais significativos conflitos sentimentais da época. (LEITE, 1987, p. 150).

Nesse contexto literário em que Alencar explora a sociedade urbana, o relacionamento amoroso se destaca como cédula central da trama. No caso da obra em estudo realça e denuncia o casamento de aparência, a preocupação com o comportamento social e o *status*, ao lado da insatisfação conjugal resultante de interesses financeiros. Além disso, percebe-se, também, o casamento arranjado, prática de época, em que noivos quase sempre não se conheciam.

É evidente a intenção de Alencar ao escrever Senhora. A sociedade de sua época está diante de dois padrões de casamento: o de conveniência e o de amor. Parece evidente que, em fase pouco anterior, quando jovens não tinham possibilidade de namoro e escolha afetiva, o casamento organizado pela família não representava uma violência. Esta se torna clara no momento em que se dão dois processos: a ascensão social pelo dinheiro, - permitida pela formação de uma burguesia relativamente desenvolvida, - e o da possibilidade de escolha entre os jovens. (LEITE, 1987, p. 158).

Diante do contexto, Aurélia se revolta e na noite de núpcias revela seu plano com toda sua raiva e dor a Fernando. Enquanto este começa o período de autêntica revelação de si mesmo, reunindo o dinheiro para pagar o seu preço. Essa possibilidade provoca a revolta de Aurélia, enquanto Fernando confessa que:

[...] a sociedade no seio da qual me eduquei, fez de mim um homem á sua feição; o luxo dourava-me os vícios, e eu não via através da fascinação o materialismo a que eles me arrastavam. Habituei-me a considerar a riqueza como a primeira força viva da existência, e os exemplos ensinavam-me que o casamento era meio tão legítimo de adquiri-la como a herança e qualquer honesta especulação. (LEITE, 1987, p.158).

Temos então que este romântico, porém com traços realistas, apresenta várias situações reveladoras de sua época. O Romantismo apresentou também a consciência da realidade urbana, no qual o romancista apreende os dados da situação real.

### 1.1 “SENHORA” – Uma obra romântica além do romantismo

No romance “Senhora”, percebemos características realistas se observarmos não só a “bela história de amor”, entre Aurélia e Fernando Seixas, mas também todo o contexto que a envolve. Trata-se de uma obra romântica, porém podemos perceber o caráter realista em trechos como: “- Perdão, meu tio, não entendo sua linguagem figurada. Digo-lhes que escolhi o homem com quem me hei de casar”. (ALENCAR, 1997, p.23). E ainda em: “- É a minha vontade. O senhor não sabe o que ela vale, mas juro-lhe que para levar a efeito não se me dará de sacrificar a herança do meu avô.” (ALENCAR, 1997, p.23). Percebe-se que esses traços não são da natureza da mulher romântica, que era passiva, submissa. Era idealizada e vista como deusa, ou seja, incapaz de se revelar e emitir sentimentos e ideais.

No caso de Aurélia, ela se fazia perceber não só por sua beleza, mas por seu gênio, que diferente das demais fazia questão de transparecer aos outros. Há ainda no romance, a denúncia do casamento por conveniência, prática comum do sistema patriarcal brasileiro, mas que deixou de ser visto com naturalidade, a partir do surgimento da arte romântica, que definia a preservação do indivíduo e começou a mudar. Portanto o que revela “Senhora” está além do próprio romantismo, é a percepção de que esta obra funciona como uma metáfora para desmascarar uma realidade que oculta a própria vergonha, as voltas de interesses da época.

Vemos que o casamento se trata de um negócio em: “- Já vejo que é um verdadeiro negócio que me propõe! Observou Fernando com ironia cortês”. (ALENCAR, 1997, p.37), e também em: “-Temos que passar primeiro um recibozinho”. (ALENCAR, 1997, p. p.43). Essas afirmações mostram que o casamento de Aurélia e Fernando foi um negócio, proposto por ela e que ele aceitou se sujeitando ao poder do dinheiro. A forma como

é colocada esta questão e ainda a realidade social da época torna-se mais claro que “Senhora”, vai muito além de uma obra somente romântica.

Ainda em relação ao comércio, comprar o marido, era visto de forma crítica pela sociedade, porém Aurélia via isso com naturalidade. Outro ponto essencial de caráter realista é a questão de vingança que Aurélia trama, onde seu único objetivo, apesar de amar Seixas, é humilhá-lo e submetê-lo a seus caprichos, usando para isso seu dinheiro, motivo pelo qual ele a havia deixado. Que ria humilhá-lo assim como se sentiu quando ele trocou seu amor puro, por dinheiro:

- Mas o senhor, não me abandonou pelo amor de Adelaide e sim por seu dote, um mesquinho dote de trinta contos! Eis o que não tinha o direito de fazer, e o que jamais lhe podia perdoar! Desprezasse-me embora, mas não descesse da altura em que o havia colocado dentro da minha alma [...] - É tempo de concluir o mercado. Dos cem contos de réis, em que o senhor avaliou-se, já recebeu vinte, aqui tem os oitenta que faltavam. Estamos quites, e posso chamá-lo meu marido pois é este o nome de convenção. (ALENCAR, 1997, p. 87/88)

Dessa forma podemos ver como Aurélia se posiciona e deixa claro sua indignação diante da situação a qual submete. No romance romântico a mulher romântica jamais tomaria tal atitude ou se colocaria de tal forma. Mas em “Senhora”, através destes trechos fica claro o caráter Realista da obra, a começar pela forma como é tomada a conversa, Aurélia assume toda a narrativa enquanto Seixas se coloca passivo aos acontecimentos, ela fala de sua indignação e do negócio que fizeram com toda sinceridade possível e mostra seus sentimentos reais, ou seja, está longe de ser aquela mulher sonhadora, reservada e deslumbrada.

## **1.2 A essência da feminilidade em “senhora”**

Na obra “Senhora” é possível notar a sociedade Carioca com seus costumes burgueses; desigualdade econômica e a busca de uma vida fácil, através do casamento por interesse:

- Entremos na realidade por mais triste que ela seja, e resigne-se cada um ao que é, eu uma mulher traída, o senhor, um homem vendido. - Vendido! Exclamou Seixas ferido dentro d'alma. - Vendido sim: não tem outro nome. Sou rica, muito rica, sou milionária; precisava de um marido, traste indispensável às mulheres honestas. O senhor estava no mercado, comprei-o, custou-me cem contos de réis, foi barato, não se fez valer. Eu pagaria o dobro, o triplo de toda minha riqueza por esse momento. (ALENCAR, 1997, p.69).

Percebemos no trecho acima uma crítica ao casamento como forma de comércio ou ascensão social. São atribuídos poderes à mulher que antes eram do homem. Os valores reais de um casamento são deixados de lado, surgindo a desvalorização humana. Aurélia, personagem da obra “Senhora”, vive em uma sociedade machista, onde tudo se consegue pelo dinheiro, tanto é que ela nasce e é vista pela sociedade somente quando recebe a herança do avô:

Tinha ela dezoito anos quando apareceu pela primeira vez na sociedade. Não a conheciam, e logo buscaram todos com avidez informações acerca da grande novidade do dia. [...] A partir daí Aurélia passa a fazer parte da sociedade carioca, tornou-se a deusa dos bailes, a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade. (ALENCAR, 1997, p. 15)

Percebe-se que ocorre uma transfiguração de personalidade, aquela antes submissa torna-se autoritária, Senhora e dona da vontade. A característica romântica se sobressai nas afirmações de Alencar, dando a sua personagem exaltações que lhe colocam acima das demais mulheres de sua época. Nesse momento ela torna-se a figura feminina sublime da descrição romântica. Aurélia, em posse do dinheiro, iguala aos homens da época na forma de agir, frente à sociedade e faz Seixas se subordinar a ela e dá-nos a certeza de que o ser humano desagrega os valores de sua vida em troca de uma acomodação. O dinheiro dá a Aurélia a busca pela liberdade.

## **2 Transição do ideal para um plano real**

A “Senhora” de Alencar e de seus leitores chama-se Aurélia Camargo: Inteligente e bela, junta sedução à inteligência, como poucas mulheres saberiam fazer. Aurélia alia à sua sedução e passividade o seu autoritarismo e inteligência, verossímeis na personagem, uma qualidade que seres como ela de fato desprezariam. Isso a torna, ainda mais, um sujeito “especial” na história da sociedade brasileira contada por José de Alencar. Tais características é que são responsáveis pela transfiguração do ideal para o plano real.

Aurélia domina a ação do enredo, para obter de volta o seu primeiro amor, mesmo que para tanto tenha que comprá-lo. Constituído de quatro partes, o romance é, indubitavelmente, a história de compra, basta ver os nomes das partes em que se divide a obra, a saber: “O Preço”, “Quitação”, “Posse” e “Resgate”. O tratamento que o autor dá ao romance baseia-se, geralmente, na ênfase ao espaço comercial do casamento, como se fosse mais um negócio a ser realizado. (ABDALA JÚNIOR; CAMPEDELLI, 1990, p.107).

Para confirmar a descrição dos autores, a qual evidencia nitidamente o interesse comercial. Apresentamos Aurélia Camargo, moça pobre que torna-se rica graças á herança do avô, recebida aos 18 anos quando é apresentada à sociedade fluminense. Encanta a todos com sua esplendorosa beleza. Órfã, tem em sua companhia uma parenta viúva, D. Firmina Mascarenhas, mas é Aurélia quem governa a casa como bem entende. A velha senhora é uma espécie de “mãe de encomenda”, forma de não chocar aqueles que se opõe à emancipação feminina.

Mas essa parenta não passava de mãe de encomenda, para condescender com os escrúpulos da sociedade brasileira, que naquele tempo não tinha admitido ainda certa emancipação feminina. [...] Guardando com a viúva as deferências devidas da idade, a moça não declinava um instante do firme propósito de governar sua casa e dirigir suas ações como entendesse. (ALENCAR, 1997, p.14)

Pelo exposto, percebemos que Aurélia era uma mulher diferente de todas as outras que naquela época viviam. Era como uma estrela das mais bonitas e mais brilhantes, não julgada pela intensidade com que sua luz brilha, mas pelo modo com que esta o faz. Era uma mulher daquelas que por onde passa, a todos encanta. Que seduzia a quem pudesse ter a honra de observá-la.

Muito devia a cobiça embrutecer esses homens, ou cegá-los a paixão para não verem o frio escárnio com que Aurélia os ludibriava nestes brincos ridículos, que eles tomavam por garridices de menina, e não eram senão ímpetos de uma irritação íntima e talvez mórbida. (ALENCAR, 1997, p.16)

Mas junto a esta sua característica tão marcante, ainda mais marcante era quanto a sua maneira de agir e de pensar, já era tão linda e especial quanto à era na sua determinação e no seu jeito de querer opor-se á algumas regras determinadas pela sociedade, mas, que não lhe agradavam. O Título “Senhora” para a obra está relacionado ao poder que Aurélia exercia por ser dona de seus atos e ser rica. E também porque na época o termo “Senhora” não era usado para mulheres, que não detinham poder.

A descrição de Alencar coincide com as convenções literárias do Romantismo; tais convenções resultavam da transposição da realidade social da época e, sobretudo, da distinção entre mulheres de classes sociais diferente. A mulher de classe mais alta, - a única que deveria ser aceita como esposa, - e deveria ser respeitada; e a classe inferior, se não poderia ser amada “espiritualmente”, poderia ser amada fisicamente. (LEITE, 1987, p. 158)

Aurélia é uma mulher que a todos domina e que tem tudo o que ter, com um jeito seu que envolve as pessoas que lhe rodeiam. Mas superficialmente, ela era educada, delicada, corajosa, elegante, informada, inteligente, experiente. Era com certeza, alguém que nasceu para a riqueza e para a alta sociedade, e talvez, a característica que consideramos a mais importante que pode ser a explicação de seu sucesso no domínio das pessoas: a sua frieza, que o faz passiva e ao mesmo tempo autoritária.

Assim era todo ouvidos, atento às palavras da moça. - Tomei liberdade de incomodá-lo, meu tio, para falar-lhe de objetivo muito importante para mim. - Ah! Muito importante?... repetiu o velho batendo a cabeça. De meu casamento! Disse Aurélia com a maior frieza e serenidade. (ALENCAR, 1997, p.16)

Nesta passagem, percebemos o quanto Aurélia está dividida entre o amor e o orgulho ferido. Ela encarrega seu tutor, o tio Lemos, de negociar seu casamento com Fernando por um dote de cem contos. O acordo realizado inclui, como uma de suas cláusulas, o desconhecimento da identidade da noiva por parte do contratado até as vésperas do casamento. Na noite de núpcias Aurélia pôde completar seu plano, humilhando o marido comprado e impondo-lhe as regras da convivência conjugal: em casa seriam dois estranhos; para a sociedade fingiriam a felicidade de um casal perfeito.

-Aurélia!Que significa isto? -Representamos uma comédia, na qual ambos desempenhamos o nosso papel com perícia consumada. Podemos ter este orgulho, eu os melhores atores não os excederíamos. Mas é tempo de pôr termo a esta cruel mistificação,com que nos estamos escarnecendo mutuamente, senhor. Entremos na realidade por mais triste que ela seja; e resigne-se cada um ao que é, eu, uma mulher traída; o senhor, um homem vendido. - Vendido! Exclamou Seixas ferido dentro d'alma. - Vendido, sim: não tem outro nome [...] (ALENCAR, 1997, p. 59/60)

Diante da fúria da noiva, afirma não amá-la, só se interessando pelo dote e, portanto, está pronto para atender suas ordens. Fernando submete-se às determinações de sua senhora, mas readquire seu orgulho e põe-se a trabalhar para reunir o dinheiro necessário ao seu resgate. Aflita, angustiada e surpresa, ordena que ele se retire. Assim, passam a viver sob a aparência de casal feliz, mas se martirizam com ironias e sarcasmos, levando vidas separadas quando estão longe do convívio social.

Uma característica importe na formação do caráter de Aurélia é a sua determinação, que ajuda na sua capacidade de dominação e o modo como impõe seus desejos às pessoas. Trechos que demonstram essas suas características encontram-se em várias

situações decisivas no livro, como nas discussões ente ela e Lemos, sobre assuntos diversos, entre eles, sua tutela:

Opôs-se formalmente Aurélia; e declarou que era sua intenção viver em casa própria, na companhia e D. Firmina Mascarenhas. - Mas atenda, minha menina, que ainda é menor. - Tenho dezoito anos. - Só aos vinte e um é que poderá viver sobre si e governar-se. - É a sua opinião? Vou pedir ao juiz que me dê outro tutor mais condescendente. - Como diz? - E tais argumentos lhe apresentarei; que ele há de entender-me. A vista desse tom positivo, o Lemos refletiu, e julgou mais não contrariar a vontade da menina. Aquela idéia do pedido ao juiz para remoção da tutela não lhe agradava. Pensava ele que às mulheres ricas e bonitas não faltavam protetores de influência. (ALENCAR, 1997, p 21,22)

E os resultados de sua segurança são claramente percebidos nesta frase de Lemos: “- Você é uma feiticeirinha Aurélia, faz de mim o que quer.” (ALENCAR, 1997, p. 25). Aurélia era ainda uma moça extremamente informada, daquelas moças que costumam dominar os mais diversos assuntos do cotidiano como mostra o trecho a seguir:

Era realmente para causar pasmos aos estranhos e susto a um tutor, a perspicácia com que essa moça de dezoito anos apreciava as questões mais complicadas; o perfeito conhecimento que mostrava dos negócios, e a facilidade com que fazia muitas vezes de memória, qualquer operação aritmética por muito difícil e intrincada que fosse. (ALENCAR, 1997, p. 29)

Sua experiência e autoridade mostram-se principalmente decorrente das fases de sua vida, sua fase pobre e sua fase rica. O autor revela durante a conversa de Aurélia e Lemos sobre seu casamento:

Esqueces que desses dezenove anos, dezoito os vivi na extrema pobreza e um no seio da riqueza pra onde fui transportada de repente. Tenho as duas grandes lições do mundo: a da miséria e a da opulência. Conheci outrora o dinheiro como um tirano; hoje o conheço como um cativo submisso. Por conseguinte, devo ser mais velha do que o senhor que nunca foi nem tão pobre, como eu fui, nem tão rico, como eu sou. (ALENCAR, 1997, p. 24)

E por último, quanto às principais de suas características, frieza e autoridade, encontrarmos, como em algumas outras vezes, várias situações em que estas são lembradas, como esta quando fala a Lemos sobre o seu casamento com a maior frieza. “- Tomei a liberdade de incomodá-lo, meu tio, para falar-lhe de objetivo muito importante para mim. - Ah! Muito importante? [...] Repetiu o batendo a cabeça. - De meu casamento! Disse Aurélia com a maior frieza e serenidade. (ALENCAR, 1997, p.23). Aurélia é um personagem que vem demonstrar uma contrariedade do que era imposto no período do Império. Em

documentar indiretamente um momento histórico, concreto da sociedade brasileira. Em geral a mulher brasileira era submissa ao poder, ela valia pelo dote que possuía. Exemplificando, ela não podia ir às festas, bailes na sociedade sem estar acompanhada, pois seria considerada vulgar.

A mulher era feita para o casamento, sem direitos de mandos e opiniões na sociedade. E surge Aurélia diferente, porque não satisfazia os costumes e exigências da época, que não aceitava a emancipação feminina. O conflito que organiza a obra é um choque entre amor ideal, o invencível e o mundo social o qual decepiona. E Aurélia esteve inserida nesse conflito e oscilava entre a pureza e a ironia, porque ela tinha experiência da vida.

O romance “Senhora” foi escrito há mais de cem anos, conta um caso de amor, que foi submetido ao interesse social. O que distingue também esse caso é que ele não é conduzido de um ponto de vista masculino: a mulher, aparentemente próxima ao estado de objeto, exige o tempo inteiro à condição de sujeito da história. Aurélia é apresentada como mulher sensível, passiva, amorosa, bonita, jovem e lúcida, com relação a seus dotes e ao seu dote, “Em Alencar, a sociedade burguesa pode corromper o indivíduo, mas este é quase sempre bom, e pode salvar-se”. (LEITE, 1987, p. 203).

José de Alencar nos mostra em Fernando um indivíduo que se arrependeu do que fez, um homem inteligente, interessante e suscetível a alterações internas e externas da vida, ele tem uma mácula que o narrador lhe desculpa: ter sido capaz de entregar-se aos prazeres da sociedade, assume um modo de leviandade e corrupção que eram vistas por ele como naturais.

Aurélia namorava Fernando Seixas, mas este desfizera a ligação movida pela vontade de realizar um casamento com uma moça rica. Passado algum tempo, a jovem então órfã, recebe vultosa herança do avô e ascende socialmente, guiada pelo desejo de vingar-se da afronta. Sabendo que seu antigo namorado, ainda solteiro, andava em dificuldades financeiras, resolve comprá-lo para marido. Firmando o contrato, o protagonista suporta durante meses os remoques de Aurélia, até que um dia consegue erguer o dinheiro, que a moça empregara com a “compra” e assim obtém a liberdade. (MOISÉS, 1986, p.133)

É dessa traição que resulta a maior força desse caso de amor/engano: não há partido que o leitor possa tomar, de modo a dividir a história entre inocentes e culpados. Charmosos e sensíveis, os protagonistas mostram ao leitor valores que não dependem da condição sexual ou econômica de cada um, mas da retomada de uma identidade perdida, por certo tempo, entre as ruínas morais de corte. São personagens criados com talento suficiente

para fazer o leitor deslocar-se com elas do espaço social mesquinho e desumanizado para outro lugar: o do diálogo.

Em Alencar, o dinheiro é uma fonte de corrupção dos sentimentos da pessoa. [...] No caso do homem talvez porque não tenha chegado a entregar-se pelo dinheiro, a redenção se faz pelo resgate. A pessoa consegue salvar-se porque encontra, no outro, a crença em sua pureza fundamental, embora essa crença se manifeste de forma oposta; [...] Aurélia, na relação com Seixas manifesta indiretamente a confiança, através do desafio e de um aparente desprezo, pois Aurélia tende a ver, no Seixas, o jovem que conheceu algum tempo antes. (LEITE, 1987, p. 202)

O tema deste romance, o casamento por interesse, condiciona sua composição. Ele divide-se em quatro partes, que correspondem às etapas de uma transação comercial: O Preço, Quitação, Posse e Resgate. Fernando Seixas, um rapaz pobre, mas ambicioso em subir na escala social, é namorado de Aurélia, moça também humilde e órfã de pai. Passando por apuros financeiros, Seixas aceita por um dote de trinta contos, a proposta de casamento feita por Adelaide Amaral. Mas o destino prepara-lhe uma peça: Aurélia, a noiva preterida, recebe uma inesperada herança do avô paterno e torna-se uma das mais disputadas moças do Rio de Janeiro.

Em Senhora, o dinheiro só representa o mal quando é utilizado de forma errada; na maioria das vezes, o dinheiro é uma forma de resgate, e a pessoa rica efetivamente usufrui o dinheiro, entendido como forma de domínio das coisas. O erro seria evidentemente, utilizá-lo para o domínio das pessoas. (LEITE, 1987, p. 205)

Nota-se pela passagem acima que, José de Alencar critica, em Senhora, em muitos trechos o modo como o dinheiro influenciava na sociedade da época, utilizando para construir a sua personagem principal: Aurélia. Ele procurou mostrar como o dinheiro mexeu com as pessoas entre a alta sociedade, como as rebaixavam se não o tinham, como mostra ao relatar a vida de Aurélia, a sua fase pobre e a sua ascendência após receber a herança de seu avô.

A narração do livro cita por várias vezes como Aurélia recorre ao pensamento de que todos a rodeavam por causa do dinheiro que possuía. Como é visto neste trecho: “Convencida de que todos os seus inúmeros apaixonados, sem exceção de um, a pretendiam unicamente pela riqueza, Aurélia reagia contra essa afronta, aplicando a esses indivíduos o mesmo estalão.” (ALENCAR, 1997, p.12). E ainda na revolta de Aurélia quando no diálogo com Seixas:

- É então verdade que me ama?

- Pois duvida, Aurélia?
  - E amou-me sempre, desde o primeiro dia que nos vimos?
  - Não lho disse já?
  - Então nunca amou a outra?
  - Eu lhe juro Aurélia. Estes lábios nunca tocaram a face de outra mulher, que não fosse minha mãe. O meu primeiro beijo de amor, guardei-o para minha esposa, para ti ... [...]
  - Ou para outra mais rica!...[...]
- (ALENCAR, 1997, p. 107)

José de Alencar critica mais ainda as intrigas de amor entre as pessoas da sociedade da época, como a questão da caça – dotes. Ainda relacionado com estas características, o escritor aponta o modo como os pobres eram quase com excluídos da sociedade, da alta burguesia. Na sociedade que era movida pelo ouro, pelo interesse e as pessoas valiam pelo dinheiro que tinham, prevalecendo o “Ter” sobre o “Ser”.

Com Fernando Seixas percebemos que os casamentos eram feitos por conveniência e ascensão social. E ele mesmo vivendo na pobreza apresentava em sociedade como se fosse um dos cavaleiros mais ricos da corte. A necessidade de obter dinheiro para “subir na vida” afasta Fernando Seixas – de origem modesta, mas elegante e ambicioso – da mulher amada, levando-o a realizar um “casamento de conveniência”, espécie de transação mercantil institucionalizada pela sociedade capitalista.

Aurélia, heroína tipicamente alencariana – lembra “os opulentos cabelos”, outro orgulho das brasileiras outrora em fase das européias de cabelo ralo ou raro e das africanas de cabelo encarapinhado. Repita-se, para ficar bem acentuado este traço de simbologia sexual em Alencar, que em suas heroínas – quase sempre: brancas, indígenas ou tocadas de sangue indígena – os cabelos parecem ser uma expressão de vigor e, ao mesmo tempo de maternidade ou feminilidade, da natureza tropical que, das árvores, se derramasse pela nudez das sinhás quando naturalmente belas, brasileiroamente bonitas. “Os cabelos de Aurélia borbotavam em cascatas sobre as alvas espáduas bombeadas, com uma elegante simplicidade e garbo original que a arte não pode dar, ainda que o imite, e que só a própria natureza incute”. (ALENCAR, 1997, p.19). Narrado em terceira pessoa, por um narrador-observador, o romance Senhora tem na observação de detalhes exteriores, que iluminam a personalidade e os lances da vida, uma de suas fortes características.

Com esse recurso, percebemos a preocupação com a psicologia dos personagens e também a mistura do romanesco e da realidade, que fazem desta obra um exemplo de literatura romântica na qual se preocupa imprimir certos traços realistas. Estes traços, assim

como o estilo mais denso de alguns romances urbanos revelam a influência de Balzac, o mestre do realismo francês. O conflito psicológico em *Senhora* coloca uma questão central para o romance realista, contextualizado no mundo capitalista e burguês: a questão do dinheiro, da necessidade de “subir na vida”, em oposição ao ideal da realização amorosa.

Uma obra encaminhada para se transformar num dos mais importantes libelos contra a mediocridade do casamento e a instituição familiar como modelo de vida burguesa acaba frustrando seu intuito, na medida em que Alencar inventa alternativas visando conciliar o casal Fernando Seixas e Aurélia Camargo. (CITELLI, 1990, p.85)

Percebemos que na passagem acima, a declínio do romantismo quando o fato superficial pertence à realidade, é um dos sinais ou reflexo da reforma, ou seja, é o começo de uma profunda transformação cujas proporções o tempo nos revelará. Observamos a forma como se coloca o narrador perante a narrativa, tentando compreender o seu ponto de vista diante das personagens que a vivem. Aurélia Camargo, a protagonista do romance, é idealizada como uma rainha, como uma heroína romântica, pelo narrador. De régia frente, coroada do diadema de cabelos castanhos, de formosas espáduas, esta personagem, no entanto, é ao mesmo tempo fada encantada e ninfa das chamas, lascívia salamandra.

Ao estereótipo da “mulher/anjo” romântica o narrador acrescenta assim, um elemento demoníaco, elemento que, em vez de explicar, deixa sugerido sob as pregas do roupão de cambraias que a luz do sol não ilumina, e também sob a voz bramida, o gesto sublime, escondendo um frêmito que lembrava o silvo da serpente, ou quando o braço mimoso e torneado faz um movimento hirto para vibrar o supremo desprezo. A contradição entre anjo e demônio, a bela e a fera, constitui um elemento de grande importância neste romance com traços realistas. Numa cena o narrador descreve o comodismo, a indolência, a postura aristocrática de Fernando Seixas – que contracena no romance com Aurélia Camargo. Também através de detalhes, de elementos exteriores vai se configurando o perfil deste personagem, modesto na condição, mas fino no trato, nos gostos e hábitos.

Cabe ainda acrescentar a posição de narrador observador, o fato de recair sobre Aurélia o seu ponto de vista. Moça pobre trocada por Fernando Seixas, a que amava, por um dote de trinta contos de réis, esta personagem recebe uma herança e com ela decide comprar o homem que lhe destruiu o coração a fim de, maltratando-o. Aurélia Camargo centraliza, assim, a temática e a construção do romance, no qual tanto os conflitos vividos pelos personagens quanto à preocupação de desnudar-lhes o caráter constituem, como dissemos,

elementos realistas que serão combinados com elementos românticos em contraposição à maleabilidade do caráter de Fernando perante a sociedade, da qual afirma no final do romance ser um furto, uma consequência, temos o desprendimento, a sublime devoção do amor, o horror ao interesse, de Aurélia.

Tanto o herói quanto a heroína de “Senhora” são um pouco distantes daquilo que se espera de um herói tipicamente romântico, pois nesta obra, Alencar desfila seus olhos pelas mazelas morais que são fruto do capitalismo. Aurélia é uma mulher que rompe barreiras (ainda que tenha de pagar um alto preço por isto depois – Aurélia com o reconhecimento de seu erro). Da mesma forma, Fernando Seixas é um jovem pobre que quando se vê incapaz de subir socialmente de maneira digna, aceita vender-se. Entretanto, como homem de seu tempo que era, Alencar não dá a Seixas nem a Aurélia as dimensões funestas dos personagens que seriam típicos mais tarde no Realismo, esmiuçando-lhes os desvios de comportamento, ao contrário acaba por redimi-los: Aurélia retorna à sua condição submissa e dócil de heroína romântica e Seixas é redimido pelo “trabalho que enobrece”. De acordo com Cademartori

O cientificismo preponderante no pensamento, somado à industrialização progressiva e à vitória do capitalismo, cria o ambiente onde deflagra o combate que se estenderá, por muito tempo, contra o sentimentalismo romântico, o tom confessional das obras, o convencionalismo da linguagem do Romantismo. (1991, p.44)

Percebemos que José de Alencar, como bom romântico que é, procura, na realidade, preservar a altivez e a pureza de seus heróis e no caso de Fernando Seixas usa o subterfúgio do amor verdadeiro que este sente por Aurélia para garantir a redenção do herói no final. Tais evidências nos levam a conclusão que o Romantismo e Realismo foram dois estilos de uma mesma época em uma mesma circunstância histórica e social, e por isso são muito menos diferentes do que nos quiseram fazer parecer. A oposição “emoção *versus* razão”, posteriormente exportada (de maneira, acreditamos, anacrônica) para épocas anteriores, apenas disfarça a afinidade entre eles.

Portanto, os realistas, contrariamente ao que eles mesmos disseram, não se opuseram aos românticos, porque aprofundaram o seu projeto, tanto em termos dos enredos que escolhiam quanto da maneira como escreviam. Esse projeto, por sua vez, implicava uma curiosa contradição: fazendo literatura, ou seja, inventando personagens e mundos, os escritores da centúria realista diziam que não faziam literatura, isto é, que diziam “a verdade”.

Em outras palavras, fazia-se ficção fingindo que se fazia outra coisa – talvez ciência, talvez política. Essa discussão toda, disfarçada pela falsa oposição entre esses estilos de uma mesma época, prosseguiu pelo século XX e suspeitamos ainda não se esgotou no começo do novo milênio.

### **Considerações finais**

De acordo com o exposto neste trabalho, conhecemos as manifestações realistas na construção da personagem Aurélia no romance “Senhora” de José de Alencar. Constatamos que José de Alencar foi um dos maiores nomes da literatura brasileira. Além de ter sido um autor fantástico foi também um inovador na criação de romances urbanos, traçando um perfil dos costumes morais e políticos da segunda metade do século XIX. Sua obra é repleta de pormenores que procuram registrar os detalhes sociais da época, os quais denunciam os traços realistas presente no romance romântico.

Através de temas como: a transição entre o romantismo e realismo na literatura brasileira; a transfiguração do ideal para um plano real; e além de um enredo forte e de um estilo inovador, José de Alencar insiste na ideia de que o amor é um instrumento eficaz contra despersonalização capitalista. E através de seus personagens Aurélia e Seixas, que ele denuncia o casamento por interesse, destacando na figura feminina característica até então nunca abordadas nas obras romanescas, fazendo com que este romance vá além do seu tempo, chegando ao realismo.

Percebemos que José de Alencar narra a trama com certo ironismo, envolvendo ainda mais o leitor e personagem no mundo capitalista onde o casamento por interesse financeiro nos revela o poder de compra a que o ser humano se submete. De um modo pelicular, Alencar faz fluir nas linhas de sua obra “Senhora”, a impressão de que seu relato é verídico, ao denunciar os moldes da sociedade da época, trazendo à tona temas reais e consequentemente a decadência do romantismo.

### **REFERÊNCIAS**

ALENCAR, José de. *Senhora*. Editora Klick. São Paulo, 1997.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. Ed. Itatiaia. 9 ed. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: 2001.

CARDEMATORI, Ligia. *Períodos Literários*, 5 ed. São Paulo, Ática. 1991.

CITELLI, Adilson. *Romantismo*. 2 ed. São Paulo, Ática, 1990.

JÚNIOR, Benjamin A.; CAMPEDELLI, Samira Youssef. *Tempos da Literatura Brasileira*, 3 ed. São Paulo, Ática. 1990.

LEITE, Dante Moreira. *Psicologia e Literatura*. 4 ed. São Paulo, UNESP, 1987.

MOISÉS, Massaud. *A literatura Brasileira Através dos Textos*. 12 ed. São Paulo, Cultrix, 1986.